



PROGRAMAÇÃO NEUROLINGUÍSTICA (PNL) E EDUCAÇÃO

Uma definição simplificada de Programação Neurolinguística é a dada por Barnasque (1996) “PNL é o estudo de como representamos a realidade em nossas mentes e de como podemos perceber, descobrir e alterar esta representação para atingirmos resultados desejados”. A definição já traz em si a premissa de que a PNL é uma ferramenta muito mais educacional do que terapêutica. Está muito mais a serviço da profilaxia do que da cura. De forma mais simples ainda, a PNL nos proporciona a compreensão de como o nosso cérebro funciona e oferece ferramentas para que interfirmos nesse funcionamento e provoquemos mudanças em nós mesmos. A expressão condensa o próprio conceito: compreender como nosso sistema neurológico (NEURO) representa a realidade, como intervir nesse funcionamento através da linguagem (LINGUÍSTICA) e como organizar tudo isso para atingir metas específicas (PROGRAMAÇÃO).

A PNL surgiu há cerca de 40 anos com os experimentos de Richard Bandler, aluno da Universidade de Santa Cruz na Califórnia, EUA e de seu professor de Linguística, John Grinder. Eles criaram o primeiro modelo da PNL, o *metamodelo de linguagem*, decodificando os padrões de linguagem e de comportamento de pessoas que encantavam com seu poder de comunicação.

Estar atento ao sistema representacional preferencial do outro é uma ferramenta útil para potencializar a comunicação, logo, é de extrema utilidade em sala de aula

Como já dissemos, a PNL é, na essência, uma ferramenta educativa. Alguns de seus aspectos e estratégias podem ser aplicados diretamente na sala de aula, daí a importância de seu conhecimento por parte de educadores em geral. Alguns desses aspectos são os *Sistemas Representacionais* e os *estilos de aprendizagem*, o *Rapporte os Princípios da PNL*.

Os *Sistemas Representacionais* são os canais através dos quais percebemos a realidade e a representamos internamente através de nossos pensamentos e sentimentos. Possuímos três principais sistemas representacionais, o Visual, o Auditivo e o Cinestésico. Todos nós possuímos os três sistemas, mas ao longo da vida, desenvolvemos mais um ou outro, por isso podemos falar em pessoas que são preferencialmente visuais, auditivas ou cinestésicas. Podemos perceber o sistema representacional preferencial de

uma pessoa através de sua postura, padrão respiratório, movimentos oculares, tom de voz e vocabulário. Estar atento ao sistema representacional preferencial do outro é uma ferramenta útil para potencializar a comunicação, logo, é de extrema utilidade em sala de aula. Segundo Mancilha (1998), “Cada um de nós possui um ‘mapa’ ou modelo do mundo e um conjunto de pressuposições a partir das quais nos comunicamos. Essas pressuposições pessoais são comunicadas pelo nosso comportamento na sala de aula. O tom de voz, os gestos, as frases que usamos, a expressão facial, o contato visual etc. são comunicações de pressuposições subjacentes e formam um ‘conjunto’ que determina como somos percebidos pelas pessoas a quem nos dirigimos. Essa percepção é processada principalmente pela mente inconsciente. É importante ficarmos atentos porque, de alguma maneira, ‘nós somos a mensagem!’”.





A partir do Sistema Representacional podemos obter dicas do estilo de aprendizagem de uma pessoa, o que pode nos levar a facilitar a aprendizagem do outro. Segundo Mancilha, cada pessoa tem sua própria maneira para aprender. Quando o professor percebe o estilo de aprendizagem do aluno ele pode apresentar a matéria de uma maneira que torne a aprendizagem mais fácil. O conhecimento do estilo representacional preferencial de uma pessoa nos permite apresentar a informação no canal (visual, auditivo, cinestésico) que a pessoa usa mais e, assim, ela absorverá a informação com mais facilidade. Em uma aula é mais eficaz utilizar todos os sistemas sensoriais para expor a matéria porque temos participantes com diferentes sistemas preferenciais. Então mostre, apresente imagens, fale e dê atividades que envolvam o corpo.

Quando entramos em sintonia com o comportamento, o pensamento e o nível de energia da outra pessoa, dizemos que estamos em *rapport* com ela. É equivalente a acompanhar o outro numa dança, mantendo o seu ritmo. Quando entramos em *rapport* com o outro, ele se autoriza a ser quem é sem medo, pois sente que está sendo acompanhado e respeitado. Essa sintonia é natural em algumas pessoas, mas pode ser obtida equiparando-se a sua maneira de comunicar. Usar as mesmas palavras que o aluno usa, a mesma tonalidade, velocidade e volume de voz e adotar a mesma postura de forma discreta e natural, aumenta bastante a eficácia da comunicação e facilita conseguir os resultados que se pretende.

Outro aspecto relevante da PNL que pode ser aplicado em sala de aula é lembrar-se de seus princípios e buscar aplicá-los no dia-a-dia. Alguns desses princípios são:

- O significado da sua comunicação é a resposta que você obtém.
- O que o grupo percebe como tendo sido dito por você é que importa e não aquilo que você pretendia dizer.

Quando o professor percebe o estilo de aprendizagem do aluno ele pode apresentar a matéria de uma maneira que torne a aprendizagem mais fácil

- Sempre estamos comunicando e a comunicação não-verbal transporta cerca de 90% da mensagem. A comunicação é redundante e “você é a mensagem”!

- O mapa não é o território. As pessoas reagem ao seu próprio mapa ou representação da realidade e não à realidade.

- Ninguém é totalmente errado ou limitado. É uma questão de descobrir como a pessoa funciona e ver o que e como pode ser mudado para se obter um resultado mais útil e desejável.

- Não existe fracasso, apenas informação (feedback). Devemos utilizar tudo que acontecer para aprender, crescer e avançar.

- Resistência em um aluno é um sinal de falta de *rapport* do professor. Não existe aluno incompetente, apenas professor com falta de flexibilidade.

- Modelagem de performances de sucesso conduz à excelência. Se uma pessoa pode fazer algo, é possível modelar isto e ensinar a outras

A partir dessa breve introdução, podemos sugerir quatro ações práticas, com base na PNL que podem potencializar os resultados em sala de aula.

- 1. Crie interesse** – Comece a aula facilitando a criação de imagens interessantes. Faça isso, contando uma história, apresentando uma figura ou um vídeo que prenda a atenção dos alunos. Apresente um desafio, a partir do qual o conteúdo será apresentado. Faça perguntas que levem os estudantes a perceberem a importância do assunto que irão estudar.

- 2. Potencialize a compreensão e a retenção** – Reduza o assunto a palavras chave ou subtítulos que facilitem a memorização do todo. Faça correlações e analogias com a vida real. De preferência relacione os pontos a experiências dos próprios alunos. Use imagens e faça demonstrações que facilitem aos estudantes verem e não apenas ouvirem o que você está dizendo.

- 3. Cuide para envolver todos durante a aula** – Faça pequenas paradas durante a aula e desafie os alunos a dar exemplos do que estiver sendo estudado. Faça perguntas objetivas sobre o que já foi dito e ilustre alguns pontos com exemplos concretos.

- 4. Reforce a aprendizagem** – Apresente um problema real que exija que os alunos apliquem o conteúdo aprendido. Peça para que revisem o conteúdo em duplas e ofereça um teste de autoavaliação. •

REFERÊNCIAS:

BARNASQUE, Getúlio. *Afinal, o que é Programação Neurolinguística?* INAP – Instituto de Neurolinguística Aplicada, Rio de Janeiro, 1996.

MANCILHA, Jalro. *Programação Neurolinguística Aplicada ao Ensino e à Aprendizagem.* INAP – Instituto de Neurolinguística Aplicada, Rio de Janeiro, 1998.



Júlio Furtado
Mestre em Educação pela UFRJ.
Doutor em Ciências da Educação e
Psicopedagogo pela Universidade
de Havana, Pedagogo.
www.juliofurtado.com.br